

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 191 JULHO A SETEMBRO 2018

Redação e Correspondência:

A. Carvalheira-UNIASSES
Apartado 1098
4741+908 BRAGA
Tel. 253 951 257

Diretor:

Alberto Melo
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
ases@portugalmail.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1600 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt

EDITORIAL

“NÃO VOS CONFORMEIS, TRANSFORMAI-VOS” X Capítulo Provincial dos Espiritanos



Ainda em clima de festa proporcionado pela celebração dos recentes jubileus dos 150 anos de Missão, quer em Angola quer em Portugal, eis que a Congregação é chamada à terra através da realização do X Capítulo Provincial (realiza-se de seis em seis anos), que decorreu no Seminário da Torre d’Aguilha de 15 a 27 de julho, sob o tema versado por S. Paulo na sua

Carta aos Romanos (12,2): “Não vos conformeis, transformai-vos”.

Sem ignorar as finalidades últimas dos seus fundadores (Poullart des Places e Venerável Francisco Libermann), bem pelo contrário, adaptá-las aos tempos de hoje, quão diferentes dos de outrora, importa arregaçar mangas e seguir em frente indo ao encontro de tudo o que fere o homem na sua dignidade, tais como: a sua marginalização, a injustiça que se abate sobre a sua cabeça, a corrupção que campeia infrene, a humilhação constante em que o mesmo se vê envolto, etc... etc... e tudo para dignificação e salvação da pessoa humana, afinal o anúncio do Evangelho. Quão extenso é o campo de Missão que hoje se apresenta.

Assim, foi elaborado o “Projeto Missionário Global”, sendo estabelecidas as principais orientações de vida e missão para a Província Espiritana Portuguesa, como o grande objetivo do X Capítulo Provincial. Identificadas as grandes prioridades globais, são traçadas orientações concretas para a missão “ad gentes”: Formação espiritana; Pastoral juvenil e vocacional; Animação Missionária; Ministério paroquial e comunhão com a Igreja local.

Refira-se o dia 21, que foi de abertura, ao qual se associou mais de uma centena de amigos leigos e religiosos, colaboradores e membros dos movimentos e grupos da Família Espiritana (ASES incluídos), que se associaram num só coração e numa só alma a toda esta manifestação de vida e missão espiritana.

No decorrer dos trabalhos do Capítulo, durante o dia 20, seria escolhido o novo Provincial, P. Pedro Fernandes, que tomaria posse como tal na Missa de Encerramento, presidida pelo P. Maurice Shortall, Conselheiro Geral. Terminado que está este X Capítulo, importa passar da palavra à ação e que todas as suas conclusões se traduzam em maior e melhor Missão sob a condução do Espírito que a todos nos anima e une.

Alberto Melo
Presidente da Direção

MAGUSTOS

DOMINGO - 11 DE NOVEMBRO

SEMINÁRIO DA SILVA - 10h-17h
Família espiritana

Participação ativa dos ASES-JSF-FRATERNIDADES-MOMIP

Confirmação: ases@portugalmail.pt | Tel. 919 441 970

CENTROS DE ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA
Bragança – Porto - Coimbra
Torre d’Aguilha

Este ano não haverá MAGUSTO em OLEIROS:
Convidamos todos os ASES do Minho e Douro a participar no Magusto Missionário na SILVA

SEMINÁRIO DE FRAIÃO
SÁBADO - 17 DE NOVEMBRO

ENTRADA NO FRAIÃO HÁ 50 ANOS

BODAS DE OURO 1968/2018

ENTRADA NO FRAIÃO HÁ 25 ANOS

BODAS DE PRATA 1993/2018

INSCRIÇÕES: Ver página 7

V fórum da UASP

“O ACESSO À EXPERIÊNCIA DA FÉ”

FÁTIMA – 24 e 25 de novembro – Domus Carmeli

Contactar: uaaasp@gmail.com | Tel. 96 858 38 21 (após 19h)

PROJETO MAAES

Memórias dos Antigos Alunos do Espírito Santo

PARTICIPA neste projeto com o teu contributo

Ver página 7

A todos ASES e seus familiares desejamos um FELIZ ANO 2019 cheio de SAÚDE, ALEGRIA, ESPERANÇA, UNIÃO, AMOR E PAZ

NOTÍCIAS BREVES

Custódio Coelho

O BUSTO DO P. ALVES CORREIA VOLTA A AGUIAR DE SOUSA

A memória espiritual do P. Alves Correia ficaria bem em qualquer parte do mundo (Europa, África, América). Mas o monumento e sua lembrança estarão particularmente bem na sua “pátria pequenina” na terra que lhe deu berço.

No sítio do Salto (Aguiar de Sousa), onde a natureza misturou e realizou o belo e o horrível, o abismo e a lonjura, onde a alma se alimenta com a beleza das escarpas, onde o pedestal com seu busto foi implantado.

“Era junto dos pobres e cavadores que melhor se sentia, entre os serros e as pe-

nedias da sua terra natal”. De propósito respiguei algumas palavras de D. António Ferreira Gomes aquando da inauguração da primeira estátua em bronze em 6/5/1978. Após o roubo desta estátua, em bronze, da autoria da escultora Irene Vilar, foi colocado no mesmo pedestal novo busto em material mais pobre (granito) por iniciativa da Associação para o Desenvolvimento de Aguiar de Sousa em 25/4/2018.

Poder-se-ia ter dado mais notoriedade ao evento... mas é de louvar a iniciativa...e talvez fosse mesmo essa a vontade do P. Alves Correia... no recato... no silêncio... no olhar ao longe...



Consultando a Internet anotamos o comentário/testemunho de Licínio Augusto Pereira dos Santos Lima⁽¹⁾ e que aqui reproduzimos: “É pena que tenha sido no silêncio. Esses homens que lutaram pela dignidade dos povos, obrigados a exílios forçados por causa das suas convicções fundamentadas numa fé inabalável, são agora homenageados no silêncio... Também Abel Varzim... também António Ferreira Gomes... enfim... sobra um busto em granito porque roubaram o de bronze.... Grande Padre Alves Correia”.

⁽¹⁾ Subdiretor-Geral da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais

HOMENAGEM

MAGNIFICAT... 50 anos depois... A mesma música, o mesmo local - Igreja Matriz de Penafiel. Os intervenientes eram outros, os homenageados os mesmos.

Belo encontro! Alguns resistentes, outros novos, vindos de norte a sul do país: Penafiel, Paredes, Valongo, Porto, Vila da Feira, Lisboa, Algarve e... só a amizade que dois irmãos gémeos e padres souberam distribuir e congregar ao longo da vida: do Fraião ao carrilhão do Sameiro (Penafiel), d’Aguilha à regueifa do S. Bartolomeu, do carinho de vossos pais à vossa amizade: estes anos, eu recorde e agradeço.

No dia 15 de Agosto de 2018, pelas 11.30, Eucaristia na Igreja Matriz de Penafiel para celebrar os 50 anos de Missa Nova dos Padres José e Afonso da Cunha Duarte. Igreja repleta de amigos, um coro afinado, cânticos novos, mas o mesmo “Magnificat”, 50 anos depois.

Tanta gente e de norte a sul do país, e tudo foi preparado discreto porque se

não... o Penafiel Park não tinha lugar para tanta boca que, da Igreja, para lá se dirigiu.

Festa rija, animação popular, discursos da praxe, respirava-se amizade. Os irmãos estavam contentes, distribuíam abraços e “selfies” para todos.

Em meu nome e de todos os antigos colegas e esposas, os nossos agradecimentos aos Padres Cunha Duarte. Amigos Ases, foi assim que este vosso amigo, rodeado de outros Ases, reviveu os 50 anos do Cunha Duarte e do Afonso.

REUNIÃO “SÓCIOS” MAES

Reuniu a 8 de Setembro de 2018, na Silva, um grupo de associados MAAES, após convocatória enviada, em tempo oportuno, à generalidade dos seus sócios.

Teve como objetivo uma apresentação mais atualizada do Projeto MAAES - (Memórias dos Antigos Alunos do Espírito Santo) – dando dele conta ao novo Provincial, P. Pedro Fernandes, que considerou de relevante a iniciativa para a recuperação de alguma memória da Província Portuguesa, guardada nas gavetas e a precisar de ficar registada para a História.

Uma palavra de louvor e agradecimento aos ASES que marcaram presença: o Timóteo, o Cunha Pinto, o Rodrigues Ferreira, o Ferraz, o Álvaro, o Valentim, o Lopes Oliveira e o Armando.

Orientaram a reunião o Armando e o

Francisco Cunha Pinto, em que foram versados vários pontos de interesse, tais como: apresentação de contas pelo Conselho Editorial; próximas obras na calha da publicação; relançamento do crowdfunding, ainda distante da meta idealizada apesar dos contributos que chegam aos soluços; o protocolo de funcionamento e de entendimento com a LIAM.

Para assentar ideias e compromissos está a pensar-se em nova reunião com o P. Provincial logo que haja disponibilidade para tal. Aguardemos, pois.

ALMOÇO NO PORTO

No passado dia 22 de agosto, aproveitando o seu tempo de lazer, um grupo de amigos e contemporâneos do P. José Costa (G64) combinaram encontrar-se num restaurante da cidade do Porto para um almoço/convívio/confraternização, A fotografia, ainda que parcial, o comprova, apesar do desfalque em número de presenças. Costumavam ser em maior número... mas o tempo/compromisso de férias impossibilitou esse desiderato.

Sempre que o P. Costa, figura carismática do seu curso, passa por Portugal logo se mexem os amigos para marcar um encontro.

Assim aconteceu no presente ano. Vinde do Paraguai, onde se encontra em Missão na comunidade de Assunción, para participar como moderador nos trabalhos do X Capítulo Provincial, logo





foi contactado e apanhado para esse tal almoço de amigos, que por ele nutrem simpatia e de forma não-convencional o pretenderam homenagear.

Estiveram presentes: Manuel Faria, Artur Joaquim, Guilherme Castilho, Adelino Nogueira, Maia Neto, Paulo Figueiredo, José Machado, Júlio Vieira, Gonçalves, Ribeiro Soares e o P. Eduard (espiritano ganês, colocado no Porto).

ABRAÇAR A MISSÃO

“Abraçar a Missão” é (foi) um projeto de voluntariado internacional desenvolvido graças à parceria da SOLSEF – Sol sem Fronteiras – com o MOMIP – Movimento Missionário de Professores – LIAM - Liga Intensificadora da Ação Missionária e os

missionários espiritanos, que, na pessoa do P. Nuno Rodrigues e P. Agostinho Brígido, coordenaram as atividades distribuídas por várias tarefas/áreas com a colaboração das Irmãs Hospitaleiras na cidade de Neves, distrito de Lembá, a Norte da ilha de S. Tomé.

Um grupo de voluntários aproveitou o tempo de lazer que as férias lhes proporcionaram, optando por trocar o descanso a que tinham direito por ações de solidariedade, de formação e de educação a favor de uma comunidade São-tomense, tendo ocupado nessa tarefa todo o mês de Agosto.

Tudo fizeram, do que estava ao seu alcance, para atenuar as fragilidades que mais se faziam sentir no campo da saúde, como o apoio a lares de idosos; a administração de cuidados primários de saúde; a distribuição de medicamentos, trazidos de Portugal; as lições sobre cui-

dados prioritários da higiene pessoal do dia-a-dia....

Equipas que se dedicaram ao ensino/cultivo de tarefas próprias da agricultura/agronomia; à formação e educação de acólitos e catequistas.

Uma obra mais visível e duradoura foi a construção da cozinha/refeitório social para apoio de refeições a crianças mais carenciadas. Foi lançada a primeira pedra pela equipa de construção civil e espera-se que a obra cresça e em breve comece a funcionar.

Foi uma das maneiras de corresponder aos sorrisos de um povo afável que na sua simplicidade e pobreza os recebeu com simplicidade.

No final de cada dia... a Eucaristia intensamente vivida como sinal de ação de graças pelo trabalho lançado à terra na esperança de uma eficaz colheita de frutos.



NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

Secretaria CSSp



O NOVO PROVINCIAL DA CSSP

O X Capítulo Provincial, que reuniu no Seminário da Torre d'Aguilha de 15 a 27 de julho, elegeu o P. Pedro Alexandre Simões Gouveia Fernandes (à direita, na foto) como Superior Provincial dos Espiritanos em Portugal, por um período de três anos. De acordo com a Regra de

Vida Espiritana, a eleição foi feita pelos Delegados ao Capítulo, reunindo pelo menos dois terços dos votos.

O P. Pedro Fernandes nasceu em Lisboa, em 1969. Entrou na Casa da Teologia, no Restelo, no ano de 1988, professou no Seminário da Silva, em 1992, fez os seus estudos em Portugal e Clamart – Fran-

ça, fez o estágio missionário na Guiné-Bissau e foi ordenado Presbítero em Lisboa, na Igreja de Nossa Senhora do Amparo, (Benfica), em 1996. Partiu em nomeação missionária para Moçambique, onde trabalhou até 2009. Depois de fazer formação específica, em Roma, foi nomeado para Portugal, onde trabalhou sobretudo na formação e animação missionária e juvenil. Serviu, desde 2012, como Primeiro Assistente do Conselho Provincial liderado pelo P. Tony Neves, que agora substituiu.

Foi formado também o Conselho para assistir o Superior Provincial na animação e condução da Província Portuguesa, sendo composto pelos padres Eduardo Miranda, Victor Silva, Damasceno dos Reis, Tiago Barbosa, Hugo Ventura e Casimiro de Oliveira; o P. José de Sousa foi reconduzido como Ecnomo para a Província.

Ao novo Provincial, e a toda a sua equipa, os ASES desejam um fecundo e excelente trabalho na sua Missão de condução dos destinos da Província Portuguesa. Da nossa parte continuaremos unidos naquele espírito de “um só coração e uma só alma”.

Nomeação: Damos conhecimento do e-mail enviado pelo Provincial, P. Pedro Fernandes, a comunicar a nomeação do P. Tony Neves para o **Serviço de Coordenação da Justiça, Paz e Integridade da Criação, em Roma, a quem auguramos pleno sucesso na sua nova Missão.** Parabéns, P. Tony... os ASES não esquecem tudo o que por nós foi feito.

MISSÃO ESPIRITANA

Por ocasião do X Capítulo Provincial foi lançado um número especial da revista Missão Espiritana versando os “150 anos de Missão em Angola e Portugal”. Aos interessados, havendo stock disponível, faremos os possíveis pela respetiva entrega.

JUBILEUS EM 2018

Celebraram, ou celebram neste ano de 2018, as Bodas de Diamante (60 anos) da sua ordenação em 20.09.1958:

- P. Agostinho Rodrigues Brígido; P. Marcelino Duarte Lopes; P. Norberto da Conceição Cristóvão.
- Bodas de Ouro: P. Ernesto de Azevedo Neiva (30.03.1968); P. Joaquim

Pereira Francisco (06.07.1968).

- P. João Crisóstomo Nogueira /25.07.1968); P. Afonso Cunha Duarte e P. José Cunha Duarte (11.08.1968)
- P. Eduardo Guedes de Osório e P. João Carreira Mónico (04.10.1958).
- Bodas de Prata: P. Aristides Torres Neiva (12.09.1993)

POULLART DES PLACES

Na evocação de Poullart des Places, primeiro fundador da Congregação no ano de 1703, será feita uma celebração/memória na data de aniversário de seu falecimento (2 de Outubro de 1709), tanto a Norte, na Comunidade da Silva, a partir das 16h00, como a Sul, na Torre d'Agui-lha, a partir das 10h30.

A CONGREGAÇÃO EM FESTA

José Ferraz

Em 24/06/2018, dia de S. João Baptista, teve lugar na Igreja Paroquial da freguesia de Gamil, concelho de Barcelos, a **Ordenação Sacerdotal do espiritano Ricardo André Lopes Azevedo.** Foi ordenado presbítero por D. Francisco Senra, bispo auxiliar de Braga, na presença de muitas dezenas de sacerdotes, espiritanos e do clero local, muitos paroquianos e membros da família espiritana. A direção dos ASES esteve representada pelo vogal Rodrigues Ferreira.

O Ricardo André foi nomeado para a missão da Bolívia, onde já fez o seu estágio diaconal, e para onde partiu, algumas semanas depois da ordenação sacerdotal. Desejamos-lhe um bom sucesso na missão que a Congregação lhe atribuiu. Em 08/09/2018, dia da Natividade de Nossa Senhora, e como já é tradição, ocorreu no CESM, Silva, Barcelos, a **Renovação de Votos** de vários sacerdotes espiritanos e de um seminarista. A ce-

rimónia iniciou-se com a Eucaristia, presidida pelo novo Provincial, Padre Pedro Fernandes, concelebrada por inúmeros sacerdotes, finda a qual teve lugar a renovação de votos de 19 espiritanos, com 25, 50, 60 e 75 anos de ordenação sacerdotal, de profissão religiosa ou simplesmente de renovação de votos, como foi o caso do ainda seminarista José Augusto Silva. É de salientar o decano de todos, com 75 anos de ordenação, o Padre José Maria de Sousa. Que continuem a cumprir a missão que lhes foi atribuída dentro das suas possibilidades. Seguiu-se um almoço convívio, que alimentou o corpo e deu azo a animadas conversas entre conhecidos e desconhecidos. Os ASES fizeram-se representar em número muito razoável, até porque no fim do almoço se realizaria uma assembleia da MAAES. A direção esteve representada pelo Francisco Pinto, tesoureiro, e pelo vogal, Rodrigues Ferreira.

Em 09/09/2018, e sob o lema de “a Sabedoria é árvore da vida para aqueles que a alcançam”, ocorreu a **Ordenação Sacerdotal de mais um espiritano, desta vez, o José Carlos Ferreira Pereira.** A freguesia de São Miguel da Carreira, no concelho de Barcelos, engalanou-se para festejar a ordenação sacerdotal do jovem José Carlos, que foi ordenado presbítero pelo bispo auxiliar de Braga, D. Nuno Almeida, com a presença de inúmeros sacerdotes, espiritanos e diocesanos, muitos paroquianos, convidados, e muitos membros da família espiritana, marcando presença em grande número os utentes do Lar Anima Una, a funcionar no Seminário do Fraião. Os ASES estiveram representados pelo Rodrigues Ferreira, vogal da direção, e por outros associados.

O José Carlos foi nomeado para a missão de Taiwan, onde já fez um estágio missionário nos anos de 2010/2012. Que o Espírito Santo o ajude a cumprir dignamente a missão que lhe foi confiada.



ALMOÇOS MENSAIS NA CIDADE DO PORTO

Timóteo Moreira

Há muitos ASES a viver na cidade do Porto e nos arredores. Alguns vão aos encontros habituais, mas muitos não costumam aparecer.

Os ASES da zona de Lisboa costumam reunir-se há anos num almoço mensal em Lisboa.

Venho repetir o repto, que já tenho lançado, para que os ASES da zona do Porto também se reúnam em almoço uma vez por mês.

Convinha ser num restaurante central ou de fácil acesso para quem quiser ir de comboio, barato e cómodo, até à estação de S. Bento. A crescer ou a antecipar o almoço, pode dar-se um passeio pela movimentada Baixa.

Um restaurante central é o **Caçula**, na

Praça Carlos Alberto, à entrada da R. de Cedofeita. Tem salas no 1º e no 2º andar e, em princípio, podemos ficar a conversar pela tarde dentro. O **Abadia** tem muito espaço e boa comida.

O nosso tesoureiro, Cunha Pinto, poderá dar endereços dos residentes no Porto e arredores.

Quem toma a iniciativa? Em que semana e em que dia da semana? Entre 3ª feira e 5ª feira para não cortar fins de semana mais prolongados? Quem sugere outros restaurantes?

Vamos recordar tempos antigos de estudo, de trabalho, etc., e ocupar algum (do muito) tempo de reforma (lazer), saindo de casa e convivendo.



CANTINHO DA POESIA

FELICIDADE

Felicidade, onde estás,
Que te busco e não te vejo:
Será que tu não existes?!
Serás tão-só vão desejo?!

Fui feliz – eu reconheço,
Quando criança inocente,
Mas tudo o tempo mudou
Com a chegada da mente.

A juventude foi luta
Entre sonho e realidade.
Sobraram mais desenganos
Que conquistas de verdade.

Trouxe a madurez vitórias
E derrotas outrossim,
Porém o sol da esperança
Nunca se apagou em mim.

Hoje vivo cada dia
Como sendo o derradeiro,
Desfrutando o que possuo:
Família, amigos, pardieiro.

Felicidade, onde estás,
Que te busco e mal te vejo:
Tu existes – construí-te...
Mas quão difícil desejo!

António Luís – (Godim 56)

IMACULADA CONCEIÇÃO PADROEIRA DE PORTUGAL

ROSA BRANCA, ROSA BRANCA
Como Tu não há igual
Neste belo Portugal
Não há.

Rosa Branca, Rosa Branca
Rosa sempre florida

Não há.
Rosa Branca, Rosa Branca
Tão bela e perfumada
Não há.

Rosa Branca, Rosa Branca
Com suas pétalas de encantar
Não há.

Rosa Branca, Rosa Branca
Sem qualquer mancha
Não há.

Rosa Branca, Rosa Branca
Cheia de tantas virtudes
Não há.

Rosa Branca, Rosa Branca
Mais branca que a neve
Não há.

Rosa Branca, Rosa Branca

Teu perfume se espalhou
Que até ao Céu chegou
E na Terra ficou.
Se alguém te oferecer esta ROSA BRANCA
Recebe-a com muita alegria, Ela é a Mãe
De Jesus Cristo e que se chama MARIA

A. Albérico Meireles – (Godim 45)

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo

ALBUNS FOTOGRÁFICOS

Agradecemos ao Rogério Carmo a compilação de fotografias enviada e que nas páginas deste Boletim damos conta do "link" na Internet para quem nelas estiver interessado. Convém que a lista esteja instalada no computador pessoal, (através de digitalização PDF, por exemplo) de modo a aceder à sua hiperligação que faz o reencaminhamento para outra página na Internet.

Obrigado! Extensível também aos fotógrafos (Rogério, Macedo, Silva Dias e outros...) que contribuíram para ilustrar algumas das atividades desenvolvidas na UNIASES.

DOMINICANOS NO FRAIÃO

Terá causado uma certa perplexidade quando na rubrica ESTANTE, o seu autor (Joaquim Moreira), ao fazer a crítica ao livro O MUNDO NÃO É DESTE REINO, de João de Melo, afirma que o mesmo, sendo "dominicano", frequentou o Fraião. Desconhecimento geral que agora o próprio João de Melo vem clarificar.

Estou no ano letivo de **1966/67: frequento o seminário do Espírito Santo, no Fraião, em Braga, desde há seis meses mal medidos.** Os Dominicanos haviam acordado com a Ordem Missionária Espiritana que os seus alunos ali frequentassem os dois últimos anos dos estudos liceais, após o que tomariam o hábito de noviços em Fátima, aí fazendo os primeiros votos e os estudos de Teologia.

O mesmo afirma Ferraz Faria, também ele fazendo parte do grupo de 5 beneditinos que passaram pelo Fraião, irmão do AS Bento (V63), que confirma: Nós, os dominicanos, fomos parar o Fraião, por especial favor e solidariedade institucional, dadas as boas relações entre as duas congregações, numa altura em que os dominica-

nos estavam a braços com a reorganização dos currículos até ao 7º ano e não tinham ainda condições físicas nem professorado preparado para o efeito.

Fica assim desfeita a dúvida, se é que ela existiu ou ainda persiste.

MÉRTOLA COMO DESAFIO

O desafio lançado pelo P. Marques de Sousa (G57) para uma descida até Mértola, anunciado no Boletim UNIASES n.º 190 (2º trimestre de 2018), não colheu as melhores atenções dos AA: apenas o Joaquim Azevedo Moreira (S55) e Francisco Lopes Monteiro (G58) manifestaram interesse nessa deslocação. Devido ao fraco número de aderentes ficou sem efeito, por agora. Ficará para uma próxima (ou não). De qualquer forma, agradecemos ao P. Marques de Sousa pela disponibilidade demonstrada e pelo programa apresentado.

António Albérico Meireles G45

Escreve desde Águeda, o "revolucionário", como se autointitula, (este Novo Acordo mói-nos o júizo) a dizer-nos que por aqui (lá) anda esquecido até Deus querer. Muito triste, pergunto; será que nenhum AS vem ou passa por Águeda e não saiba onde mora o Meireles?

Passar, sempre se passa, só que as vias são rápidas (A1, A25...) e não dá para parar.

Estão guardados o objeto e outros artefactos por ti enviados, descansa.

A todos os meus amigos ASES, sem exceção, um grande abraço e que a todos tenho no coração.

Aqui, uma vez mais, fica registado o teu pedido e torcemos por quem passar por Águeda ou imediações (Pateira de Fermentelos...) que dê uma saltada até Paredes de Águeda (Rua das Carmeleiras de Cima,

70 - 234 601 323 / 967 118 288) sobre a margem direita do Vouga e na linha da N230 que vem do IC2. Atenção, pois, aos seus contemporâneos e não só. Vamos fazer-lhe uma visita?

Timóteo Jorge Moreira G55

Enviou texto, neste número publicado, para planear um almoço mensal de antigos alunos residentes no Porto e na periferia. É bom que se apegue a ideia, mas nada melhor do que meter os ombros à empresa e começar mesmo com uma meia dúzia de "gatos pingados" ou menos. O resto virá por acréscimo, como aconteceu com Lisboa.

O Cunha Pinto fará o favor de te enviar lista com e-mail ou tel/telem. A partir daí novas ideias surgirão, verás!

Espero que não caia em saco roto... bulir é preciso. Sem desânimo, insistir até que se concretize o intento.

À malta adormecida um conselho: não faltar aos treinos.

José Custódio Oliveira Coelho G57

Assíduo interlocutor, manifesta um certo desassombro por documentação da UNIÃO dos Antigos Alunos que desapareceu ao tempo de obras no Porto, (Av. da Boa-vista) e diz:

O álbum; a coleção de todos os boletins, cartas, "stencils", desde os primórdios até aos anos 80; livro das atas da direção; livro das atas de admissão de sócios; a bandeira dos antigos alunos dos colégios (legada por D. José de Lencastre ao seu filho - As Paulo Lencastre e deste p/ os Ases)... "E Tudo o Vento Levou!"...

Talvez não, tenho um caixote desordenado que contém muita documentação manuscrita e dela se socorreu o António Luís para publicação do livro "Leva-

dos por um Sonho”.

Dou-te inteira razão quando escreves: A nossa associação é anterior a 1957 (1958). No ano de 1938 o P. Fernando Moreira e o Manuel Teixeira começaram a apadrinhar a ideia UNIÃO dos ASES, que andou a ser cozinhada durante anos por não ser bem vista pela hierarquia superior da Congregação.

Somente no Verão de 1958 foi dado o primeiro passo com o aval e bênção do Provincial ao tempo, o P. Olavo Martins...

Depois foi o que todos nós sabemos: altos e baixos até ao momento da constituição como pessoa coletiva e jurídica. Estavas lá no Ato da escrituração; saberás melhor do que eu...

Manuel Fernando Faria Souto V65

Agradecemos o teu empenho no esclarecimento da passagem dos dominicanos pelo Fraião. Sabemos em quem podemos confiar. Colaboradores como tu, já vão rareando. Obrigado!

BIBLIOGRAFIA - PROJETO MAAES

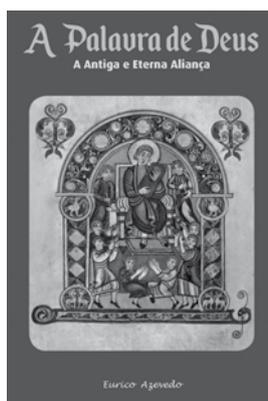
Com a publicação de A ANTIGA E ETERNA ALIANÇA eleva-se para 9 o número de publicações editadas pela MAAES, no âmbito do seu programa de registo de legado de memórias da Educação e da Formação dispensadas pelos Colégios e Seminários do Espírito Santo no século passado.

Novas obras, de alguns dos mesmos e de outros autores estão em pipeline: para isso precisamos da colaboração de muitos mais ASES que dêem o seu contributo.

Fica aqui este apelo e incentivo para que consigamos manter a chama das MAAES bem viva.

A PALAVRA DE DEUS – A ANTIGA E ETERNA ALIANÇA

Pe. Eurico Azevedo



Pela acção dinamizadora e protectora do Espírito de Jesus Ressuscitado, não obstante as fraquezas e até certas maldades de alguns dos seus membros, a Igreja sempre foi e será o Corpo Misterioso de Cristo, comunidade de Fé, de Esperança e de Amor, Povo de Deus.

No entanto o historiador sabe que ao longo dos tempos muitos dos seus membros tiveram de sofrer no corpo e na alma rudes golpes infligidos pela ditadura de poucos...

“A Igreja tem por condição a liberdade e a dignidade dos filhos de Deus, em cujos corações habita o Espírito Santo como em seu templo. Tem por lei o mandamento novo: amar como Cristo nos amou (Jo. 13,34), tem por fim o Reino de Deus” (Lc. 9).

O P. Eurico Azevedo quer que a edição deste livro seja solidária, como foram as dos outros livros. A Palavra de Deus converte e convida à solidariedade e à partilha com os mais pobres. Assim, tudo quanto se recolher com a distribuição da publicação será entregue ao Centro Padre Alves Correia (CEPAC) que, em Lisboa, acolhe e apoia imigrantes.

SÁBADO - 17 DE NOVEMBRO

BODAS DE OURO SEMINÁRIO DE FRAIÃO



**ENTRADOS EM GODIM+VIANA
EM 1966**

INSCRIÇÕES - Comis. Organizadora

Godim+Viana 1966

João J. Dias Sarmento

259 417 881 – 963 874 580

joaosarmento-3080p@adv.oa.pt

Cesário M Ferreira

254 320 560 – 968 036 359

cesario.ferreira-1995p@advogados.oa.pt

Manuel Silva Coelho

253 821 205

mcoelho282@gmail.com

BODAS DE PRATA

1993/2018

ENTRADOS EM GODIM EM 1991

INSCRIÇÕES - Comis. Organizadora

Ninguém se manifestou...

Editora MAAES

CROWDFUNDING

CONTA PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

(EXTRATO 11)

Saldo anterior (Uniases 190)

3.447,48 €

14	Manuel Valentim Costa	08-09-2018	100,00 €
32	Anónimo	13-09-2018	356,50 €
	SEMEANDO VIDA -Pe. J. F. Pires	09-08-2018	-2.272,11 €

Distribuição 3.º trimestre 2018

AMAR	Armando	60,00 €
FALAR	Armando	50,00 €
PLENITUDE	Armando	8,00 €
SEMEANDO VIDA	Armando	12,00 € 130,00 €

SALDO MAAES na conta ASES (30-09-2018) 1.761,87 €

1º Trim CEPAC - Evangelho S. Mateus - MAGNA	24,00 €
2º Trim CEPAC - Evangelho S. Mateus - MAGNA	16,00 €
3º Trim CEPAC - Evangelho S. Mateus - MAGNA	0,00 €

LAZER: ENSAIO OU ARREMEDO?

A. Ribeiro

Anos de 60, estudante do curso de teologia na Torre d'Aguilha. O professor deixara-nos à vontade pretendendo que, cada qual, escrevesse umas páginas sobre um tema à escolha. Um discípulo, por sinal, “*bon vivant*” (hoje, *curtidor* da vida e que dela aproveita os bons momentos), infelizmente já não consta do rol dos vivos, segreda-me ao ouvido dizendo que já havia elegido a sua apresentação sobre o “Lazer”.

Para o tempo, achei arrojada a ideia, emudeci de espanto, pois não esperava nada daquilo. Se compôs ou não esse tal ensaio, entre nós inédito, não sei, pois nunca coloquei os olhos sobre uma linha que fosse do texto.

Talvez porque o tempo corrente é (ou foi) de férias, fui apanhado na onda e eis-me a tentar arremedar sobre o “Lazer”, que significa, antes de tudo, descanso, repouso, ócio. Este último assume, ou parece assumir, um sentido de inatividade conducente a um estado vegetativo de indolência: o “*dolce far niente*”, uma agradável ociosidade que nada produz e da qual podem resultar maus resultados: “*a ociosidade é mãe de todos os vícios*” (provérbio português), ao que o filósofo francês Émile-Auguste Chartier acrescentava: “(...) *mas também de todas as virtudes*”. Fica pois aberto o caminho a seguir à livre escolha do homem.

Comumente, “Lazer” reporta-se ao tempo, ao momento de que se dispõe para o descanso do corpo e/ou da mente, sendo trivial ouvir-se a expressão tempo de lazer associada ao próprio lazer.

Definido que está o seu conceito passemos à sua fundamentação. Em que se

baseia esse direito ao descanso?

Atendendo aos escritos bíblicos (Gênesis, 1 e 2) poder-se-á afirmar que o repouso é sagrado, pois que Deus descansou após o ato da Criação. “*Deus repousou de toda a obra da criação ao sétimo dia do trabalho por Ele realizado*” (Gn 2,3) e se criou o homem à sua imagem e semelhança (Gn 1,26) tornou-o continuador e partícipe da obra da criação, concedeu-lhe também o direito ao descanso.⁽¹⁾

(Tudo parece um contrassenso se analisado à luz do que sucede hoje: ganância e maus tratos do planeta em que vivemos).

As leis da sociedade também consagram esse direito ao descanso. Atente-se no art.º 53 da Constituição da República Portuguesa: *todos os trabalhadores (...) têm direito ao repouso e aos lazeres, a um limite máximo da jornada de trabalho, ao descanso semanal e a férias ...*) O mesmo referem os ACT (Acordo Coletivo de Trabalho).

Pode pois definir-se o lazer como o tempo fora dos momentos em que não se trabalha, pelo menos não de forma obrigatória, dos quais uma pessoa dispõe para o exercício, ou não, de uma atividade que não laboral, tempo esse organizado e gasto livremente da melhor forma que se entenda, individual ou coletivamente, de modo a dele tirar um certo prazer/proveito ou divertimento, seja em final de jornada, em fins-de-semana, seja em férias. (*Leia-se neste número o artigo de A. da Ribalonga que trata de um cenário rural em fim de jornada*).

Joffer Dumazedier (1915-2001), sociólogo francês, professor na Sorbonne e

considerado pioneiro nos estudos do lazer, deixou a definição mais conhecida de lazer como “um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais”.

Donde se infere que diversos são os tipos de lazer que se relacionam com a disponibilidade do tempo livre, com a livre vontade do sujeito condicionadas pela sua situação socioeconómica segundo as possibilidades que estão ao alcance de cada um.

Se pode dizer-se que um aposentado/reformado tem férias ou pode ter férias, tempo de excelência para momentos de lazer, então posso afirmar que me dediquei ao relaxamento do corpo na estância termal de S. Pedro do Sul e cultivei o espírito /cultura nas caminhadas realizadas nas suas imediações. Pude apreciar as ruínas (ver foto) das primitivas termas romanas (*balneum*) datadas do séc. I.

Envolvendo o contorno de lenda, diz-se que Dom Afonso Henriques, no ano de 1169, terá frequentado aquelas águas termais sulfurosas para se tratar de uma perna ferida em resultado do Cerco de Badajoz, desse mesmo ano, de má memória para os portugueses.

Na margem esquerda do Vouga deparei com uma fonte, chamada de S. Martinho, que, nestes tempos de *secura severa*, ainda devolvia ao viandante um pequeno



fiu de água fresca para o dessedentar. Chamou-me a atenção o vazio de um nicho, suponho que teria a efígie de pequena volumetria do santo que lhe deu o nome e que já lá não mora. Fui então transportado, em pensamento, para a aldeia de Linhares da Beira, que, numa das visitas que fiz, tinha (tem ou ainda terá) numa das portas de entrada, a imagem de Stº António, entre grades encarcerado, para refrear os ânimos dos amigos do alheio e colecionadores de iconografia sacra. O mesmo poderá ter acontecido em S. Pedro do Sul com a estatueta de S. Martinho.

Voltemos à fonte que se encontra revestida de azulejos com motivos ornamentais, sobressaindo do conjunto um duplo painel preenchido com duas quadras de poetas populares a fazer lembrar as cantigas de amigo e de amor dos princípios da nossa literatura. Não resisto à sua transcrição, por se encaixar neste arrazoado sobre o lazer:

“Tive sede, e vim beber
À fonte de S. Martinho;
Desde então, para te ver,
Não procuro outro caminho”.

“Mas, ao ver-te, a sede passa,
Já não tenho de beber,
Pois a sede que eu sentia,
Era apenas de te ver”.

Tomemos consciência e desfrutemos destes momentos de lazer que a vida a todos proporciona.

⁽¹⁾ Veja-se “A Eterna e Antiga Aliança” de Eurico Azevedo, Edição MAAES 2018, sobre Primeira Parte do Génesis – Exegese, - páginas 51 a 56...

LAZER

A. da Ribalonga

“Lazer” quer-se um santo-e-senha a testemunhar o mais vivo e profundo respeito por quantos nos precederam nesta viagem trágico-terrena. Vimos de paragens onde a vida se desenhava como a testemunhamos neste breve e sentido apontamento.

No tempo vertiginoso e verdejante da mocidade, os momentos de lazer são, em regra, intensos, ignescentes e durados pelo fervor de quem da vida espera tudo - são pausas intermitentes sem necessidade premente de revitalização do espírito; no tempo outonal amadurecido pelos sucessivos estios, o olhar, nos momentos em que a Vida se revela em intervalos cada vez menos estridentes, chega a contemplação do silêncio como um bem precioso em que se entrelaçam as memórias do passado e a paisagem excruciante do futuro, com a Eternidade a mostrar-se no sol poente de cada dia. A mudez da saudade protege-nos como um lenço branco que nos protege de raios mais luminosos. Nada muda, a não ser a perspectiva, que é tudo o que nos resta como marcador da nossa peregrina identidade. Dantes, o cansaço físico justificava a pausa - a necessidade de um tempo de lazer; depois, um outro cansaço generalizado ocupa espaços antes preenchidos com pulsares desmedidos e destemidos - a necessidade de uma pausa mais prolongada, serena, sentida e instrospectiva, a balbuciar suspiros alimentados pela saudade na espera incerta por um recomeçar descompassado de sentimentos e pensamentos espeçados em sombras de solidão nem sempre compartilhada.

No terreiro onde antes, lubrificamente, nos esgueirávamos em correrias desenfreadas, acomodamo-nos agora à sombra da mesma cerdeira. Os pássaros continuam a voar em chilreios buliçosos e constan-

tes, mas os seus gorjeios parecem-se a visitas a velhos amigos que regressam aos lugares onde antes iam aos ninhos; agora, o banco de pedra é a base do ninho partilhado por velhos companheiros de jornada; mais que lazer, será o descanso dos guerreiros; nem ócio nem tédio - talvez ainda a espera por um qualquer sonho incumprido. O Ti Manel Moleiro já não vai à ribeira. O cansaço apoderou-se das pernas e dos braços. Quando cumprimentado pela rapaziada, mostra um sorriso desdentado e cúmplice, como se acenasse ao tempo que o viu passar e escondesse as rugas que o mesmo tempo lhe deixou. Sente-se desobrigado.

A Maria Preguiça abeira-se, pausadamente, com um molho de guiços debaixo do braço. Os momentos de lazer da velha forneira foram-se transformando numa penitência a que as suas pernas cansadas a obrigam: aquecer a água para as freguesas do forno amassarem o pão. Não dá para mais. Senta-se e conversa com quem entra e sai, num rodopio que lhe faz lembrar tempos idos. É um descanso forçado o seu tempo de lazer, isenta que está da labuta que tantos anos a fez subir e descer a rua. Lá fora, os ganapos jogam à apanhada, esgandhada que está a bola de trapos por pés descarnados e ossudos. A escola fechou para férias, os da quarta, feito o exame, começam a acompanhar os pais; os mais pequenos afoitam-se a visitar ninhos com pássaros indefesos. “Ó Tiago, não mexas, que a senhora professora, se sabe, puxa-te as orelhas, e vai dizer à

tua mãe.” Em frente à taberna, à sombra da ramada, os homens jogam às cartas com as sacholas e seitoiras encostadas ao muro; as mulheres passam, olham de soslaio e pouco dizem. “Ó João, não te demores, é preciso ir pensar as vacas, limpar a loja e mugir a cabra”. “Vai andando, que eu já lá vou.” É o descanso dos guerreiros. Cumpriram a jornada. As cartas e uma cabaça a rodar de mão em mão completam o que fora um dia de intenso trabalho. Um golo de vinho afaça a alma, as cartas lançadas são acompanhadas por olhares que denunciavam quanto cansaço e persistência lhes corre nas veias. O Porfírio encostou-se para trás e adormeceu, exausto. Naquela terra, lazer é só o tempo para recuperar forças. E a Laura, afogueada, aparece de rompante: “ó rapaz, não chega de brincadeira? Já para casa, que o teu pai deve estar a chegar”. E o rapaz, a limpar o suor da testa, contrariado, refreia o ânimo e ruma, vagarosamente, a casa. Um ou outro continuam a correr, numa algazarra que se ouve até ao fundo da rua.

O Agosto vai quente, a festa da Senhora da Assunção tem os andores prontos e o terreiro composto. Das redondezas não falta ninguém que ainda se possa mexer. Sempre são três dias para dar descanso ao corpo e consolo à alma. A “Casa da Portela” fica no caminho.

O ESPÍRITO SANTO E EU (...) (Continuação do N.º 190)

Sexualidade Desporto & Lazer

Boanerges F. Borges

E DEPOIS DO ADEUS...

Já não me recordo se fui eu que o fiz ou se foi o Superior do noviciado, mas desta vez a família tinha sido avisada previamente do dia do meu regresso definitivo. Como era hábito e eu presentia, ninguém me aguardava no pequeno apeadeiro que ficava próximo de casa. O trajeto de um lado para o outro foi penoso e difícil, não tanto pelo peso das malas que tive de transportar, mas sim porque a cada passo que dava me aproximava mais e mais de um momento terrível, que eu sempre temi e procurei evitar. Mas agora, já nada havia a fazer e o remédio era seguir em frente, custasse o que custasse.

Entrei pelo portão que dava acesso à rua e empurrei a porta da cozinha que estava apenas encostada. Não se via vitalma e o silêncio era sepulcral. Um bocado assustado com aquele cenário de filme de terror, ergui a voz para perguntar: - "está aqui alguém"? Ouvi um ligeiro ruído vindo do sobrado e, logo a seguir, os passos de alguém a descer as escadas. Era a minha irmã mais nova, mais velha do que eu cerca de dez anos, que se postou diante de mim, lavada em lágrimas, sem dizer palavra.

Questionei-a sobre o que se passava, pois estava convencido de que o abandono do seminário, embora fosse triste, não era motivo para tanto choro. E ela respondeu-me que era motivo para tudo isso e muito mais, a ponto de a nossa mãe estar lá em cima no quarto, às portas da morte, com o desgosto que eu lhe dei.

Nem queria acreditar no que estava a ouvir, pois não me parecia possível que alguém pudesse adoecer e, muito menos, morrer de desgosto, mas era efetivamente verdade. Desde que receberam a notícia, a minha irmã e muito especialmente a minha mãe, tinham caído de cama e estavam a ser medicamente assistidas, correndo esta sério perigo de morte.

É claro que tinha sido atirada mais uma acha para a fogueira que a minha saída inevitavelmente iria provocar. Para além de carregar às costas o labéu de desertor, que não se importava de destroçar os sonhos dos que lhe eram próximos, deixando-os à mercê dos di-

tos e da chacota dos vizinhos, agora passava também a ser uma espécie de assassino que punha em risco a vida da irmã e da própria mãe. Mas o pior, é que a minha família mais chegada passou a tratar-me nesta conformidade, ignorando-me, não me falando, davam-me de comer como se dá uma esmola. Para me proteger, passava a maior parte do tempo metido no quarto.

Até o meu pai, pessoa reservada, muito sensata e ponderada, se deixou arrastar por este sentimento. No dia em que lhe pedi que me desse ou emprestasse algum dinheiro para comprar roupa que não tinha, para agarrar o emprego que me ofereceram, fez-me uma breve conversa para dizer que era emprestado e teria de o repor, por ter saído do seminário porque quis e teria de governar a minha vida sem contar com eles. Naqueles tempos longínquos ainda não havia pronto-a-vestir. Lá consegui o parecer da minha irmã para comprar fazenda e mandar fazer um fato no alfaiate, a tempo de me apresentar com ele na véspera da reabertura das aulas, após as férias escolares da Páscoa. E foi com enorme alívio que me libertei daquele ambiente de cortar à faca, que estava a viver na própria casa onde nasci e me criei. Estive mais de um mês sem dar notícias nem voltar a casa. Quando regresssei, as doentes tinham melhorado bastante e o ambiente era mais desanuviado. Quiseram saber em que consistia o trabalho, como me tinha sentido, etc., etc.. Voltei a sentir-me gente e recuperei alguma esperança para o futuro da humanidade. A Escola Académica ficava praticamente no centro do Porto, mesmo ali ao lado da nova Câmara Municipal, recentemente inaugurada. A única entrada fazia-se pela rua do Pinheiro, sendo necessário franquear o enorme e pesado portão de ferro e atravessar o extenso terreiro ladeado de árvores, para se chegar ao edifício principal de quatro pisos, onde o rés-do-chão era ocupado pela direção, a secretaria e a sala de visitas. No primeiro piso, que dava acesso aos recreios e às salas de aula principais, ficava a sala dos professores, uma sala de aulas para a 4ª classe e outras pequenas salas de reuniões. Os andares superiores destinavam-se ao alojamento do pessoal

permanente, nomeadamente aos quartos dos prefeitos.

Do lado esquerdo deste edifício principal situava-se o ginásio e, do lado direito, um outro edifício de dois pisos com várias salas de aula destinadas aos alunos que faziam a admissão ao Instituto Comercial ou ao Industrial. Ladeando o recreio pelo lado direito, havia um edifício bastante comprido, de dois andares, tendo o piso térreo logo à entrada, do lado direito uma sala de estudo de grandes dimensões, para os alunos do ciclo preparatório. O longo corredor, que se estendia para a esquerda, dava acesso a várias salas de aula para o curso comercial, ficando ao fundo do corredor a maior que servia igualmente de sala de estudo para os alunos internos, depois de terminadas as aulas. Na parte do piso inferior mais próxima do edifício principal ficava um enorme refeitório e, na parte mais afastada, iniciava-se um dos dormitórios que se prolongava para a direita em "L", com as casas de banho ao fundo. O outro dormitório ficava justaposto por baixo, sendo possível fazer-se esta construção e manter a luz do dia em virtude do forte declive do terreno no local.

Pelo atrás descrito já se depreendeu que a Escola Académica tinha duas espécies de alunos: os externos, que se limitavam a frequentarem as aulas, os recreios e uma ou outra sala de estudo, quando faltava algum professor; e os internos, que passavam o tempo todo na escola, indo, em alguns casos, para as famílias aos fins-de-semana.

Na Escola Académica havia três prefeitos, sob a responsabilidade direta do chefe de disciplina, com o objetivo de fazer cumprir os regulamentos, as normas e a disciplina estabelecida pela Direção. Apenas uma pequena parte do trabalho de vigilância, realizado pelos prefeitos, era destinada ao conjunto total dos alunos, durante os recreios, no intervalo das aulas e à entrada destas, enquanto se aguardava a chegada do professor. Quando este faltava, só os alunos externos, que tinham permissão escrita dos pais ou do encarregado de educação, eram autorizados a sair; os restantes ficavam na sala de estudo vigiados pelo prefeito.

(continuação no próximo Uniases)

ERA UMA VEZ ... O ENVELOPE!

Temos dispensado o ENVELOPE, confiantes na boa vontade e iniciativa de cada um contribuir para as despesas da emissão do nosso jornal. Vai o presente alerta: uma grande maioria já o faz por crédito directo na nossa conta:

CGD/CONTA: 2008 038874 930
IBAN: PT50 0035 2008 00038874930 35
SWIFT/ BIC CGDIPTPL

ou manda o cheque – à ordem de **UNIASES** para:

A. CARVALHEIRA - UNIASES
APARTADO 1098
4710-908 BRAGA

São precisos 6 500 € /ano para publicação do Boletim no formato atual e envio via CTT. Felizmente que tem havido uma excelente (com) participação de muitos que se repetem todos os anos...

Contamos contigo para não sobrecarregar os habituais. *Recomendação dirigida também aos Antigos Alunos (ASES) que recebem o jornal via Internet...*

A DIREÇÃO

TESOURARIA

JULHO / SETEMBRO 2018

N.º	Nome	Conta	Montante
35	Adélio Torres Veiga	QUOTAS	60,00 €
112	Albino Pereira Silva	QUOTAS	8,00 €
2724	António Alberto Vieira Monteiro	QUOTAS	25,00 €
1174	António Orlando Silva Pereira	QUOTAS	40,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	10,00 €
702	Ernesto Rodrigues Gomes	QUOTAS	40,00 €
822	Francisco Sousa Martins	QUOTAS	25,00 €
986	Joaquim Augusto Gouveia Silva	QUOTAS	30,00 €
1040	Joaquim Mendes	QUOTAS	30,00 €
1296	José Maria Teixeira Dias	QUOTAS	50,00 €

N.º	Nome	Conta	Montante
1536	Manuel Fernando Martins Vale Lima	QUOTAS	15,00 €
2008	Manuel Gonçalves Cunha	QUOTAS	10,00 €
1443	Magno Sá Couto Pereira	QUOTAS	10,00 €
1706	Mário Meira Torres Veiga	QUOTAS	100,00 €
			453,00 €

DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"

Distribuídos até 30-09-2018	387	7.740,00 €
Ofertas	51	0,00 €
Para distribuição	82	

NOTÍCIAS TRISTES ...

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

AS 633 – Diamantino Esteves Pinto

Natural de Jou/Murça, onde nasceu a 9 de setembro de 1936, faleceu em Coimbra, onde era residente, a 3 de fevereiro de 2016 com a idade de 81 anos. Do Curso de 1948/49, em Godim.

AS 193 – Ângelo da Silva Resende

Natural da Figueira da Foz, faleceu em 23 de junho de 2018, de proveta idade, na Casa do Professor, em Braga. Autor de vários livros dos quais se salienta "O Judeu Errante" (Coimbra Editora, 1964). Do Curso de 1938/39, na Silva.

Que descansem na Paz do Senhor!

AS 1485 – Manuel de Areias Amaro

Natural de Marinhãs/Esposende, onde nasceu a 10 de outubro de 1934, faleceu em 7 de agosto de 2018 com a idade de 83 anos. Terminado o Curso de Teologia, foi ordenado e enviado para as Missões de Angola (Nova Lisboa-Huambo); por "despacho" do Vaticano passou à vida de leigo no ano de 1970. Exerceu a advocacia com escritório na Av Almirante Reis. Foi a sepultar no Cemitério dos Olivais. Do Curso de 1947/48, em Godim.

Rui Fernando Rocha Ferreira da Silva

Filho do AA Álvaro Marcolino da Rocha Ferreira, (Godim 46), faleceu em Lisboa, onde era residente, vitimado por cancro nos pulmões, aos 48 anos de idade.

Sentidos pêsames a todos os seus familiares.

ESTANTE

O ESCÂNDALO NA VILA de FRANCISCO COSTA

Joaquim Moreira



Francisco Costa não está na lista dos grandes ficcionistas nacionais, mas é com certeza um da q u e l e s

que escreve bem, seja lá isso o que for, sendo também certo que escrever bem pode não ser suficiente para o dito efeito. Começando, como é frequente em debutantes, pela poesia, três volumes, fixou-se depois no romance, deixando-nos nada menos que nove, duas trilógicas e três romances 'independentes', "Escândalo na Vila", 1964, que agora vem à estante, depois de "Cárcere Invisível", 1949, e antes de "Promontório Agreste", 1973, seu último romance, morreria em 1988 não sem se despedir em poesia com "Última Colheita", 1987.

Naquele tempo era a Aguilha e a década de sessenta, prodigiosa e terrível. Tempo de ler meus primeiros livros de literatura nacional e internacional em leitura integral, e pensar que o Dr. Barbosa me dera vinte a Literatura Portuguesa, no sétimo ano do Liceu em Braga, sem alguma vez ter lido uma única obra completa, nem um qualquer livro da Bíblia, líamos de ouvido aquilo que se nos dava no refeitório e era um pau. Ah! E o padre Santos Fonseca leu-nos A SELVA de Ferreira de Castro, em sessões creio que dominicais, uma impressão espantosa. E tínhamos também as conferências do padre Zé Maria, imperdíveis, como sabemos. Mas o padre Américo conseguia milagres com apontamentos variados e resumos, apenas resumos, das obras literárias que era preciso conhecer. Agora tínhamos uma bela biblioteca e era um prazer pegar num livro e levá-lo até ao fim, um EXODUS enorme e grosso, um QUO VADIS, uma VIGÉSIMA QUINTA HORA, um Rúben A. múltiplo e inquieto, um Régio sempre em luta com deus e com o mundo,

um Torga orfeu, incréu, irresistível e telúrico e, depois ou antes de muitos e muitos outros e saborosos Autores, um Francisco Costa, que vivia e escrevia ali em Sintra e publicava romances a sério, um A GARÇA E A SERPENTE, uma PRIMAVERA CINZENTA, uma REVOLTA DO SANGUE, um CÁRCERE INVISÍVEL, e o Jacob a comentar inebriado aquela prosa superior e a lembrar, por exemplo, a expressão que o Autor, que também trabalhou com vinhas e vinhos Colares, empregou quando um seu personagem terá descido à adega "onde as garrafas dormiam o seu sono poeirento". Não era lindo? E porque não convidá-lo para nos vir falar ao ISMES, Instituto Superior Missionário do Espírito Santo? A sua mulher era do grupo liamista de Sintra e Francisco Costa, naturalmente católico, nem precisava de ser catequizado muito menos convertido. Esta passou a ser mais uma razão para aquelas épicas viagens a Sintra, a Vila maravilhosa, quase quinze quilómetros a pé para cada lado, que deveríamos encaixar em cerca de três horas de passeio, penso que haveria algum de tolerância. Era no tempo em que saíamos grupos de três batinados negros, chapéu preto ainda obrigatório, a sorte de uma boleia no horizonte, uma batina ainda era qualquer coisa, e a felicidade de pequenas viagens de avioneta no aeródromo de Tires, a mim o descaramento de o conseguir pela primeira vez, na sequência da boleia de um senhor importante na Administração da Tabaqueira de Albarraque que seguia num modesto (?) NSU e que tinha por ali amigos que faziam de pilotos.

E um belo dia o escritor Francisco Costa veio falar-nos. Certamente no nosso grande e mal empregado anfiteatro. Da visita e da palestra recordei, distintos, três pequenos pormenores. Primeiro, que passara toda a semana a pensar apenas no que nos havia de dizer, questão de, palavras suas, "higiene mental". Depois, que não aceitava ser Francisco da Costa porque da costa era a sardi-

nha. Terceiro que, apesar de não ser licenciado, se podia considerar tanto ou mais doutor que os ditos, uma vez que, sendo por muitos criticado como escritor de tese, tinha já defendido 8 teses, tantas quantos os romances até então escritos, faltava ainda o PROMONTÓRIO AGRESTE. Certamente que se terá também defendido da 'acusação' de escritor católico considerando-se antes um católico que escreve romances. Vida não é religião, embora esta a possa condicionar. Mas quer-me parecer que Francisco Costa, escrevendo classicamente bem, não conseguiu, se é que o tentou, desvencilhar-se da floresta cerrada ou do peso monstruoso de doutrinas que a religião católica acumulara em vinte séculos. Digamos que caiu para onde estava inclinado. Curioso como foi também criticado por católicos com certeza tridentinistas, só porque nada do que é humano lhe era alheio, diria Paulo, se não estou em erro.

ESCÂNDALO NA VILA, que na altura deu muito que falar, foi com agrado minha recente leitura, logo que encontrei o livro num alfarrabista 'próximo de si'. Tudo se passa numa vila alto alentejana como se fosse Sintra. Renato, o protagonista, tem quase tudo da envergadura do Autor que conheci, física, cultural e profissionalmente, autoridade portanto para longas e esmeradas incursões de crítica política e sobretudo religiosa. E se entendo que a ortodoxia católica se tivesse então mostrado muito 'reservada', custa quase a acreditar que polícia política não tenha implicado com algumas linhas do romance. Se calhar Francisco Costa sabia viver. São de burgueses para cima, no afortunado triângulo Sintra-Cascais-Lisboa, personagens e ambientes narrados, muito fora, portanto, da miséria popular do eterno Portugal, que o autor não frequenta. Mas é sempre bom voltar aos sítios onde, bem vistas as coisas, a gente foi feliz. E um livro é sempre uma viagem.

UNIASES - CGD - BARCELINHOS

MORADA PARA CORRESPONDÊNCIA:

A.Carvalho-UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA

CONTACTOS

ases@portugalmail.pt

Presidente:

969 690 551 / 214 445 827
alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro:

919 441 970 / 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

IBAN PT50 0035 2008 0003 8874 930 35

CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...
No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____